

DE GEORGIO RIOS

RIO

Corto o vértice como quem naufraga
latitude mítica ante o cais
rumo ao rio, por onde vai
a voz esguia
a canção esquecida
o barro delinea os movimentos,
antes sombras
projeção sob a ponte esquecida,
laços pálidos
amordaçando a inclinação sinuosa que se projeta
sobre os silvos

andar implica projetar sombras
difundir itinerários,
rotas complexas
pequenas fainas incertas
rumar incerto
por labirintos de arame e sons
música que é mapa,
cordas do caos
singram pelo rio que corta o dia
como quem parte ao meio a luz
como quem,
apressado se projeta ao som
das lâminas
lâmpadas
mercúrio cromo e faíscas
teatro caustico de pingos
projeção de chuvas
chuvas sujas
onde a rota é o sonho
ondeo sono dita o andamento,
partitura esquecida que fia feito sombra.

FERIADO

Caminho como que canta
sopro suave
o odor podre das frutas
esquecidas, bananas gullarianas
infestam minha tarde,
minhas narinas
a tarde sempre
a mesma
e ainda outra, ostras
desterra os sonhos
vento quente de Dezembro
desenhando sombras
rasgando o rosto
migrando rotas
pássaros de papel
pairando ante o caos
estalido de cacos
estante
ante a difusa imagem no fim do espelho

LUMINOSAS

para o mestre Cariri e artesão das palavras: Don Lupeu Lacerda

sob a ponte perdida
paio
como plástico
a
observar pássaros
cósmicos
puro gás
arremedando as sombras
puídas
em passos lentos
elaborando figuras
pálidas
pelo dorso do cais

DESENHO

Indefesas
as metáforas
se encolhem na estante
entre as capas
dos livros
vez em quando
um suspiro tímido
um uivo úmido
e um grunhido rouco
são elas se arrumando
para infestar sutil
a mente
desavisada de algum
leitor
buscando nas sombras
algumas sobras
desejando algum ensejo
algumas voltas
e alguns volts
mercando provisórios
a sua trade
tríade de coisas
coleccionadas nas páginas amarelas
do dia.

PEQUENO NÓ

Sou assombrado por meus próprios fantasmas
e no fim
restará isso
migalhas de mim mesmo
vagando a ermo
no vão de algum varedo
nas asas desavisadas d'algum
pássaro migratório
e sim será o fim, e só.